

Nietzsche, o filósofo da Alemanha nazista*

João Scapino

Resumo: Texto publicado no jornal carioca *Diário de Notícias*, em 1945. Nele, o autor julga Nietzsche o filósofo da Alemanha nazista. Destaca a teoria da Vontade do Poder como um fluxo vital e fonte de inspiração de Hitler e Mussolini, sugerindo a crueldade, a agressividade e a política de expansão da Alemanha nazista.

Palavras-chaves: Nietzsche – nazismo – Hitler – vontade de poder

Antes que a história do nazismo saia do cartaz dos acontecimentos mundiais é interessante olharmos a figura de Nietzsche, o filósofo que na Alemanha nazista teve grande atualidade, muito mais do que na época em que vivera, principalmente porque a idiotice do seu gênio de louco harmonizou-se com a loucura de um gênio idiota, formando a religião sagrada da Alemanha, cujo livro sagrado era a “*Mein Kampf*”, e cujo lema se poderia traduzir assim: “Hitler é o seu deus, e Nietzsche é o seu profeta”.

Discípulo de Schopenhauer, seguiu no mestre o lado das atitudes incompreensíveis, nisto encontrando a afirmação de sua genialidade, entendendo-o assim bastaria ter ideias esquisitas e estapafúrdias, porém, ideias assombrosas, diferentes, que

* Publicado no *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 07 de Outubro de 1945, p. 01-05.

contrariassem a ordem das coisas, o desenrolar natural da vida, e estaria aberto para ele o caminho da glória e da imortalidade, podendo repousar sobre o trono dos filósofos.

Não precisou muitos anos após ter sua mãe dado à luz a treva da sua inteligência, para revelar-se. Criança ainda, embora, porém único varão numa casa de mulheres, Nietzsche era um ídolo, e suas adoradoras a mãe, as tias e irmãs. E talvez por esta educação, acostumou-se ele a considerar-se como ídolo pelo resta da vida.

Deste contato com as mulheres, único que com elas teve, talvez, em sua vida, julgou-se um dominador delas, deixando o conceito seguinte: “Se tens de tratar com as mulheres, não esqueças o chicote”.

Quando criança atesta o seu tipo pacato de escravo alemão o seguinte ocorrido, citado por sua irmã Förster: “Chovia torrencialmente, certo dia, à saída da escola; nem por isso o pequeno Fritz se apressa para chegar à casa. Arguido sobre isto, ele responde: ‘Ora, mamãe, o regulamente da escola diz expressamente: é proibido pular ou correr na rua. Recomenda-se aos meninos que sigam para casa com muito juízo e com todo o cuidado’”. Evidentemente, com isto, que se procura invocar como exemplo de seu temperamento genialmente original, demonstra-se apenas uma grande fraqueza de improvisação e até mesmo um atraso de inteligência.

Nietzsche foi desde criança um sífilítico. Sua irmã o nega. Prefere afirmar que sua doença provinha de paixões precoces e bebidas. Tentou por vezes apontar seu irmão como um exemplo da raça: não discutamos...

Este homem foi sempre retirado nas suas meditações. Gostava ou sentia necessidade do isolamento. Sempre desprezou a turba, o “rebanho”, como dizia; mas, coisa interessante, – nunca menosprezou seu aplauso.

Este homem, que fez brotar na filosofia uma de suas flores mais feias, graças a uma apreciável cultura literária, foi um monstro. Monstro, sim, embora haja quem o considere como uma bondade de santo, incompreendido como os mártires antigos, que enchem de

romance doloroso a história. Há quem diga que “Nietzsche compara-se aos grandes heróis da religião e da moral, que entendiam o bem no sentido estoico; tanto como eles, ele desejava o bem da humanidade. Como, porém, os homens de seu tempo, no mundo ocidental, eram perversos, Nietzsche, perdendo com eles a paciência, prorrompe em imprecações proféticas”.

E para afirmar ainda mais esta simplicidade de coração do “mestre”, citam este fato: “Estando ele ainda em Turim, já francamente louco, viu pela janela um carroceiro surrando uma mísera égua, velha e cansada. Correu então à rua, e abraçou chorando o pescoço do pobre animal”. Ora, dizem os nietzscheístas, um homem assim tão compassivo e sensível, não podia absolutamente ser um militarista feroz. Não vamos opinar sobre o fato, apenas queremos notar o seguinte: o espírito de bondade é o que faz o homem descer de sua posição mais elevada para irmanar-se aos mais humildes, não é o fato de o homem tendo saído de seu verdadeiro meio, no caso a estupidez, se sentir de volta atraído para ele. Pode ter acontecido o caso de a doença de Nietzsche ter feito a liberação dos estados psíquicos fundamentais do espírito do filósofo, como ensina o grande médico-psicólogo Hughlings Jackson, e observação que se pode fazer em Freud, no caso em que a “censura” deixa de funcionar devido a uma qualquer perturbação funcional do indivíduo.

Nietzsche por um instinto qualquer sempre procurou medicar-se por si, fugindo aos médicos, o que concorreu para que estes se atrasassem no diagnóstico de sua doença: só mandaram-no para o hospício nos últimos dez anos de sua vida de cinquenta e poucos, quando Nietzsche foi louco toda a vida. Considerava-se um gênio insuperável. Daí ter declarado: “O destino decretou que eu fosse o primeiro ente humano decente... Quem primeiro descobriu a verdade fui eu!”. E então ele explica em seus livros a grandeza do seu espírito, em capítulos como esses: “Porque sou tão inteligente”, “Porque escrevo livros tão notáveis”, e se classifica assim: “Não sou homem, sou dinamite”.

E assim pensava Nietzsche: “O mundo vai girando às tontas,

estupidamente, inexoravelmente”. Mas o mundo tem o direito de pensar que ele não se afastou desde determinismo: ele girou na vidaupidamente, inexoravelmente, às tontas.

Segundo Nietzsche, a arte, que é tudo o que interessa na vida, tem dois polos: o dionisíaco e o apolíneo. Tudo quanto é dionisíaco é bom: a força divina da natureza, a lascívia e o desejo insaciáveis e turbulentos, que impelem o homem às conquistas, à embriaguez, ao êxtase místico, aos amores trágicos. O apolíneo é o mau: o mal consiste no esforço do homem por conter o indomável espírito guerreiro, na aspiração à paz, à harmonia, ao equilíbrio, no esforço para reprimir a besta-fera, que ele sente bramir dentro de si.

Parece-me inconcebível que haja um povo que aceite uma teoria assim, que sem-cerimoniosamente nos afirme: “Vedes ser uma besta-fera!”.

Ele dizia: “A auto-observação é traiçoeira. Conhece-te: agindo, não refletindo. A observação confina e delimita a energia: é uma dissolução, uma desintegração. O instinto é preferível. As nossas ações devem ser ditadas pelo inconsciente”. E assim foi a Alemanha nazista: as ações do povo ditadas por um inconsciente.

Que achado para Hitler, uma filosofia que diz assim: “Todos os deuses morreram: possa agora viver o super-homem!”. E é por isso que Hitler se confessou publicamente discípulo de Nietzsche, tendo visitado várias vezes o Nietzsche-Archiv. E também Mussolini o era, como se pode verificar por esse trecho de carta de Isabel, irmã de Nietzsche, felicitando o Duce em seu aniversário: “Ao mais nobre discípulo de Zarathustra, a quem realizou o sonho de Nietzsche, ao homem inspirado, que ressuscitou os valores aristocráticos preconizados por Nietzsche, apresenta o Nietzsche-Archiv, respeitosamente, os seus melhores votos”.

Há os que defendem Nietzsche haver inspirado a Alemanha nazista. O dr. Hess considera Nietzsche um inocente inspirador de um código aplicável a uma sociedade estratificada de Super-Homens. Quem sabe se ele não quer comparar, ou mesmo igualar Nietzsche a Platão, com a “República”? Quem sabe?

Tenha sido ou não esta a finalidade de Nietzsche, a culpa desta vitória deste louco, é de quem o segue, naturalmente; e estes procuram adaptar as ideias de Nietzsche às suas, uma vez que não podem exterminar certas ideias deste homem, que são contra o regime.

Mas estão em Nietzsche coisas “inocentes” assim: “O futuro da cultura germânica dependerá dos filhos de oficiais prussianos.... A paz e o respeito pela tranquilidade alheia: política que eu absolutamente não admito. O predomínio da Alemanha é contribuir para que os alemães acreditem na vitória – eis o que interessa, nada mais... O soldado e o erudito, para serem eficientes, tem de sujeitar-se à mesma disciplina, ou por outra, não há erudito de verdade que não tenha nas veias o instinto de um verdadeiro soldado... Amai a paz que conduz a novas guerras – a paz, quanto mais curta melhor... A guerra e a coragem valem muito mais que a caridade. A nossa bravura, não a vossa simpatia, é que há de salvar, daqui por diante, as vítimas...”.

Era indiferente, dizem aos judeus. E ele proclama: “Não deixem entrar mais judeus! Fechem-lhes as portas!”. E noutra parte, declara: “Devemos cuidar de estreitar as relações entre a raça alemã e a raça eslava, a fim de nos apoderarmos do mundo”; aponta uma série de determinações a cumprir, e entre elas: “Exigiremos o concurso dos financistas judeus!”.

Prega a cegueira ao povo: “Ensino vos o Super-Homem. O homem deve ser superado... Assim como o macaco é ridículo para o homem, o homem o será para o Super-Homem. O homem é deveras um rio poluído. Só o mar pode receber um rio poluído sem tornar-se impuro. Ouvi: eu vos ensino o Super-Homem: é ele o mar que o vosso imenso desprezo ficará submergido!”.

E de tudo, na obra de Nietzsche, se aproveitaram os alemães. Assim Oehler aproveitando palavras de Nietzsche, afirma: “Assim é que poderíamos transformar uma das mais ásperas passagens do ‘Anticristo’ numa profissão de fé nacional-socialista: ‘A cruz é o símbolo contrário à saúde, à beleza, ao bom senso, à bravura, à grandeza da alma, – contrário à própria vida’”. Acrescenta Oehler:

“A suástica é o símbolo da saúde, da beleza, do bom senso, da bravura, da inteligência, da grandeza de alma, – da própria vida”.

Entre as teorias de Nietzsche, convém acentuar estas duas: “a Vontade do Poder” e o “Eterno Retorno”.

A teoria do “Eterno Retorno” lhe valeu ser comparado à Herbert Spencer, Darwin, e ser considerado um evolucionista.

A “Vontade do Poder” parecia tratar de um fluxo vital, do qual tudo o mais deriva. No entanto, esta “Vontade do Poder”, capítulo que Hitler e Mussolini estudaram muito bem, sugere a crueldade, a agressividade, a política de expansão, tão característica na Alemanha nazista.

Ficou, porém, aos aliados a tarefa de ensinar-lhes o outro capítulo da filosofia de Nietzsche: “O Eterno Retorno”.

E se cumpriram as palavras bíblicas, da mesma bíblia que Nietzsche tanto escarnecia. Lá está em Ezequiel: “Tu és pó, e em pó te tornarás”.

Abstract: Text published in the newspaper *Diário de Notícias*, in 1945, in Rio de Janeiro. In it, the author considers Nietzsche the philosopher of Nazi Germany. Highlights the theory of Will Power as a vital flow and source of inspiration of Hitler and Mussolini, suggesting cruelty, aggression and expansion policy of Nazi Germany.

Keywords: Nietzsche – nazism – Hitler – will power